

6. O burnout
da produtividade

7. A pressão
de ser "interessante"



PONT e VÍRGULA

Nesta edição do 'Ponto e Virgula', troco as vírgulas da pressa por um ponto de pausa. É nesse espaço que me encontro: leve, bem-disposta e sempre com humor à mistura.

A crédito que nem tudo precisa de ser complicado, às vezes, basta abrandar e aproveitar. No meio de uma atualidade tão acelerada, onde tudo parece exigir mais de nós, surge a necessidade de refletir sobre quem somos e como estamos a viver. Esta edição convida exatamente a isso: pensar, mas sem perder o sorriso.

«Todos queremos construir a melhor imagem possível, e não falo da aparência, mas de quem somos», como referiu a Beatriz Abreu, no seu artigo 'A pressão de ser "interessante"'. Esta frase faz-nos parar. Num mundo onde estamos constantemente expostos, é fácil cair na tentação de mostrar uma versão "ideal" de nós mesmos. E isso liga-se a outro problema atual: transformámos até o lazer numa

obrigação, como destaca a Joice Silva, na sua crónica 'O burnout da produtividade'. Momentos que deveriam ser livres e espontâneos acabam por ser medidos, organizados e até comparados. Entre redes sociais, rotinas perfeitas e dispositivos que acompanham cada passo, parece que estamos sempre a tentar provar algo, até quando deveríamos apenas descansar.

Mas será que estamos a viver para nós ou para aquilo que mostramos? No fundo, esta edição deixa uma ideia simples, talvez seja mais importante sermos autênticos do que perfeitos. Nem tudo precisa ser produtivo, nem tudo precisa ser mostrado.

Fica a reflexão, estamos a cuidar da nossa essência ou apenas da nossa imagem? Talvez o verdadeiro equilíbrio esteja em viver mais... e provar menos.

O CONVITE ESTÁ FEITO, BOAS LEITURAS!

NO CENTRO DAS ATENÇÕES

ENTRE NUENS E DADOS

VISITA AO OBSERVATÓRIO DO FUNCHAL

No dia 24 de março, os alunos do 10.º ano das turmas 1, 2 e 3 da EBSM realizaram uma visita de estudo ao Observatório Meteorológico do Funchal, pertencente ao Instituto Português do Mar e da Atmosfera na Madeira, no âmbito da disciplina de Geografia A.

A

atividade permitiu um contacto direto com o trabalho desenvolvido na área da meteorologia, proporcionando aos estudantes a oportunidade de conhecer diversos instrumentos utilizados na medição de variáveis atmosféricas, como temperatura, humidade, pressão, vento e radiação solar, bem como os processos de recolha e análise de dados fundamentais para a previsão do estado do tempo.

Um dos momentos mais relevantes foi a observação do lançamento de um balão meteorológico com radiossonda, que recolhe dados em altitude essenciais para o estudo da atmosfera. Foi ainda destacada a importância do radar meteorológico do Porto Santo na deteção de fenómenos extremos e na prevenção de riscos. A visita coincidiu com datas ambientais importantes e incluiu a abordagem das alterações climáticas e dos seus impactos. Esta experiência reforçou a importância da meteorologia na compreensão das dinâmicas ambientais e climáticas. ■

Aranza Teixeira
EBS de Machico



Porto Santo aposta na equiInclusão

É no Centro Hípico do Porto Santo que se desenvolve o projeto EquiInclusão desde 2023. Este projeto, que junta as palavras "equestre" e "inclusão", foi desenvolvido para crianças e jovens com diferentes problemáticas, através de atividades com cavalos.

Neste momento, é frequentado por vinte alunos de diversos estabelecimentos de ensino e instituições locais. No caso da nossa Escola, é realizado através do projeto AMA (Atividade Motora Adaptada) que também integra o Desporto Escolar. Rute Roda, a responsável pela iniciativa, explicou que esta surgiu no contexto da requalificação do Centro Hípico, tendo sido integrado num programa de inclusão social financiado pelo orçamento participativo da RAM.

O contacto com o cavalo traz vários benefícios, sobretudo ao nível emocional e físico. «Eles sentem o nosso coração», referiu, «ajudando a regular o stress e as emoções». O movimento do cavalo reproduz o andar humano, contribuindo para o equilíbrio e para a coordenação. O ritmo do cavalo pode ser ajustado às necessidades de cada criança, permitindo acalmar ou estimular.

Outro aspeto importante é a aprendizagem de regras. Estas são facilmente interiorizadas pelas crianças, que passam a compreender melhor os limites e a organizar o seu comportamento. A comunicação com o cavalo é maioritariamente não verbal, sendo necessário interpretar sinais e emoções. Assim, as crianças desenvolvem controlo emocional, atenção e capacidade de se adaptarem.

ESTA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DEMONSTRA A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES EQUESTRES NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DAS CRIANÇAS, PROMOVENDO TAMBÉM A INCLUSÃO SOCIAL.

Lia Sousa
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

O FUTURO DA EDUCAÇÃO QUANDO A CIÊNCIA ENCONTRA A TECNOLOGIA

Atualmente, nas escolas, a integração da ciência e da tecnologia nas salas de aula está a mudar tudo! Troca-se estas maravilhas reais por testes práticos e projetos criativos, elaborados pelos próprios alunos, que procuram conhecimento por iniciativa própria. Há quem construa robôs, com inteligência artificial, para ajudar nas tarefas. Alguns programam sistemas avançados de proteção de dados para beneficiar os alunos, enquanto outros criam experiências de realidade virtual que permitem viajar pelo espaço e explorar o corpo humano, transformando a sala de aula num lugar de descoberta e aquisição de conhecimento.

Estas ideias reveladoras demonstram que nós, como alunos, não somos apenas utilizadores de tecnologia, mas também seus construtores, investigadores e inovadores. A inteligência artificial até personaliza as aulas para cada aluno, tornando o difícil mais acessível e até mesmo a segurança cibernética ensina-nos a ser utilizadores responsáveis online.

Num futuro próximo, estas ferramentas tornarão a escola mais inclusiva, divertida e envolvente. A tecnologia não substituirá o professor; apenas potenciará o seu papel, criando infinitas possibilidades para o ensino e a aprendizagem. Os alunos de hoje são os visionários de amanhã, prontos para abraçar um mundo mais digital e interligado, certamente muito diferente de há dez anos atrás. ■

Martim Borges
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)



INÊS

INÁCIO

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

A Cor do Tempo

■ Robben Island não era apenas uma prisão; era um lugar onde o tempo parecia suspenso. As paredes de pedra guardavam o eco de vozes que o regime do apartheid tentou silenciar, acreditando que o esquecimento poderia vencer a memória. Nelson Mandela acordava antes do sol, não por imposição, mas por escolha. A rotina era a sua forma de resistir, de provar a si próprio que continuava a ser dono dos seus dias. Chamavam-lhe 466/64, um número frio criado para substituir um homem. Ainda assim, dentro daquela cela estreita, Mandela transportava uma nação inteira: as ruas proibidas aos negros, os bancos separados, as vidas condicionadas pela cor da pele.

Na pedreira da prisão, sob um céu branco que feria os olhos, Mandela partilhava palavras como quem partilha pão. Falava de justiça com voz serena, consciente de que o ódio seria apenas outra forma de cativo. Aprendeu a língua dos carcereiros para os compreender, acreditando que conhecer o outro era o primeiro passo para desmontar o medo. Viu companheiros perderem a esperança, viu gerações crescerem sem o conhecerem fora dos muros, mas nunca permitiu que o tempo lhe roubasse a dignidade. Enquanto o regime se sustentava na violência e na exclusão, ele fortalecia-se na paciência e na espera.

Quando atravessou os portões da prisão, em 1990, após vinte e sete anos de reclusão, o mundo esperava um homem marcado pela amargura. Encontrou, em vez disso, alguém disposto a reconstruir sem apagar o passado. Em 1994, nas primeiras eleições multirraciais da África do Sul, filas intermináveis formaram-se diante das urnas. Pessoas que nunca tinham votado esperaram horas, conscientes de que aquele gesto simples encerrava séculos de silêncio. Não era apenas um ato político; era um ato de reparação. Mandela sabia que a liberdade não apaga a dor, mas transforma-a em responsabilidade. Como afirmou nesse mesmo espírito: «Ser livre não é apenas livrar-se das correntes, mas viver respeitando e promovendo a liberdade dos outros». Nesse dia, a África do Sul não mudou de cor — mudou de consciência. **E o tempo, finalmente, voltou a andar.** ■

BIBLIOGRAFIA
 MANDELA, Nelson. *Long Walk to Freedom*. Londres: Little, Brown, 1994.
 DUBOW, Saul. *Apartheid, 1948-1994*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
 South African History Online – *End of Apartheid*.

Francisca Sousa
 EBS de Santa Cruz

R. 1

*
 Saber gerir
 é poupar

CONTAS CERTAS

A entrada na universidade representa uma fase de grande mudança na vida do estudante e da sua família, exigindo um planeamento financeiro cuidadoso e orientado para o futuro.

Um orçamento familiar bem estruturado é essencial para garantir que as despesas associadas ao ensino superior sejam suportáveis a longo prazo, evitando dificuldades económicas e permitindo ao estudante concentrar-se nos estudos.

Este orçamento deve ter em conta os rendimentos do agregado familiar e todas as despesas relacionadas com a formação académica, como propinas, alojamento, transportes, alimentação, material escolar e eventuais custos de saúde. Ao planear com antecedência, a família consegue definir prioridades, identificar áreas onde é possível poupar e criar uma gestão financeira mais equilibrada. É igualmente importante aproveitar os apoios existentes, como bolsas de estudo, cantinas universitárias e descontos para estudantes, reduzindo o peso financeiro no orçamento familiar.

»» A poupança regular assume um papel fundamental, mesmo que em pequenos valores, pois ajuda a preparar o futuro do estudante e a responder a despesas inesperadas ao longo do percurso académico, assegurando uma vida financeiramente consciente, responsável e sustentável.

João Silva
 EBS da Ponta do Sol

Grande Ideia
 Concurso Escolar



Webgrafia

Wikipedia – Agostino Tassi e Citaliarestauro
Processo de Artemisia Gentileschi

Imagem

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Portrait_of_Artemisia_Lomi_Gentileschi_by_Simon_Vouet_ca._1623-1626.jpg

Autor da pintura: Simon Vouet

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

O TRIBUNAL DE 1612

Não era suposto ser assim. Do que vale o talento se, atrás dele, se esconde o rosto de um homem que não o sabe valorizar? Um homem que usa a arte como máscara para encobrir atos de tamanha desonestidade. O seu nome, Agostino Tassi ou “mestre da perspetiva”, via-se cada vez mais manchado... queria ele que fosse apenas de tinta.

Por mais deplorável que tenha sido o que me fez, mesmo estando do outro lado do tribunal, percebe-se, na forma como sorri confiantemente, que conhece o seu destino neste mundo feito por homens. O seu dever era ensinar-me a pintar o mundo de uma forma diferente, mas traiu o papel que Orazio Gentileschi, meu pai, seu amigo e companheiro de trabalho lhe confiou. Para a sociedade, sou apenas propriedade do meu pai, uma musa que deveria permanecer calada, mas eu tenho voz e não temo usá-la.

— Como ousas?! — exclamei, ao vê-lo inverter a verdade e tentar lançar sobre mim a culpa que era inteiramente sua.

Porém, após tanta convicção depositada naquela mentira, o juiz não acredita na minha

palavra. A dor nos meus olhos parece não ser prova suficiente para ninguém. Perante a lei, o testemunho de uma mulher só tem valor sob tortura e, com anéis de ferro nos dedos (os “sibilli”) a esmagar aquilo que tenho de mais precioso: as mãos com que pinto.

— É verdade, é verdade! — gritei cheia de dor, mas com esperança de que esse fosse o último momento que sofreria devido a Tassi.

Eu, Artemisia Gentileschi, fui a primeira mulher admitida na Accademia delle Arti del Disegno e, no entanto, fui também quem, anos antes, em 1612, após sete meses de julgamento, vi a justiça conceder apenas dois anos de prisão a Agostino Tassi por violação, uma pena tão breve quanto a consideração que tiveram pelo meu sofrimento. Apesar disso, não deixei que algo tão traumatizante me atingisse ou reprimisse, pois tudo o que alcancei ultrapassa aquilo que algum dia acreditaram que eu seria capaz de fazer. Mostrei que uma mulher pode pintar com a mesma força física e técnica que os homens, passando de “amadora” a “mestra”.

E assim, através da minha arte, recuperei aquilo que tentaram tirar-me: o direito de ser autora da minha própria história.

■ **Anna Petrou**
EBS/PE da Calheta

CONTO

O PESO DO AMANHÃ

Ao longe o tempo cinzento. A manhã despertou chuvosa e pesada. À janela, Maria ficou pensando se a vida adulta seria como nos filmes: aventuras, liberdade e escolhas emocionantes. O cinzento sobre a cidade era a tela dum cinema, onde os dias passavam em diversos planos.

O ano escolar corria. As manhãs começavam com o despertador, os dias passavam entre aulas e amigos e as preocupações limitavam-se a testes e trabalhos de casa. A escola era uma bolha segura, onde a maior responsabilidade era não perder o autocarro ou esquecer o caderno em casa. Tudo tinha um ritmo conhecido, confortável e protetor. Mas, à medida que o fim do ano se aproximava, os professores falavam do futuro como se fosse um território desconhecido e perigoso. Os familiares perguntavam durante as refeições:

— **MARIA, JÁ SABES O QUE VAI'S FAZER?**

Essas perguntas repetidas eram facas silenciosas. À sua volta, todos pareciam ter planos claros: universidade, estágios, cursos de línguas, viagens ao estrangeiro. Cada escolha parecia uma porta que se fechava atrás deles, deixando Maria perdida num corredor cheio de possibilidades e de ansiedade. Olhando para os colegas, sentia um peso crescente. Não era preguiça, nem falta de sonhos. Era medo. Medo de errar, de falhar, de avançar rápido demais.

À noite, deitada na cama, imaginava milhões de futuros diferentes. Em todos, sentia-se insegura. Sonhava com carreiras que nem sabia se queria, com cidades que talvez nunca visitasse e caminhos que poderiam levá-la a lugares que nem imaginava.

Um dia voltou ao parque onde brincava quando era criança. Sentou-se num banco gasto, perto do lago, observando as folhas a flutuar na água, onde algumas formigas pareciam ser marinheiros, os patos que se aproximavam curiosos e as crianças a correrem sem preocupações. Lembrou-se de como tudo parecia simples antes: perder um jogo ou chegar tarde ao jantar eram os maiores problemas do mundo. Ali, entre árvores e memórias, sentiu uma calma que há muito não experimentava.

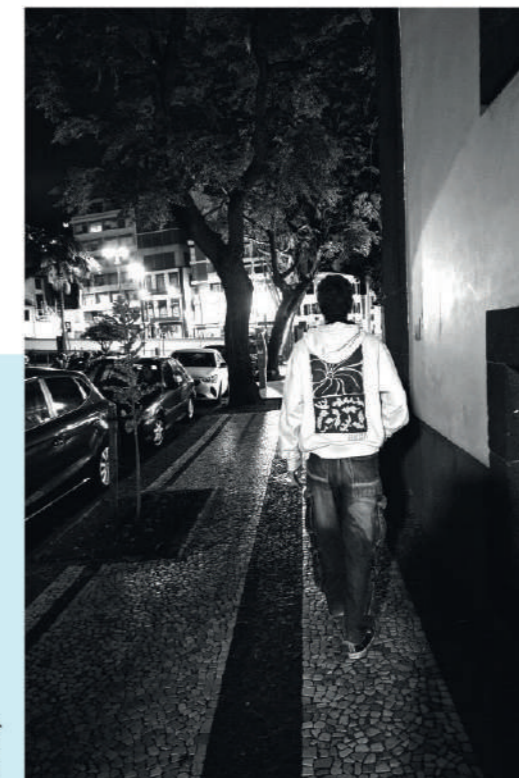
Enquanto olhava para os adultos apressados que passavam, percebeu algo surpreendente. Muitos pareciam perdidos nos próprios pensamentos. Cansados, ocupados demais para sorrir. Ninguém tinha a vida completamente resolvida. Talvez a vida adulta não fosse sobre ter todas as respostas, pensou, mas sobre aprender a seguir em frente mesmo sem elas.

— Estás a pensar demais — disse um amigo que passava, sorrindo com familiaridade.

— Talvez... respondeu a Maria, sem tirar os olhos do lago. Mas percebi que não precisamos de ter tudo controlado. Só precisamos de continuar a caminhar. Naquele dia, a Maria descobriu algo fundamental. O futuro podia ser incerto e assustador, mas isso não significava que ela não podia avançar com coragem. Cada passo seria uma descoberta e cada erro uma lição. Crescer não era ser perfeita, era ser resiliente e levantar-se sempre que caísse. Quando voltou para casa, sentiu-se mais leve.

SABIA QUE DECISÕES IMPORTANTES AINDA ESTAVAM POR VIR, MAS DEIXOU DE SE SENTIR ESMAGADA PELO PESO DO AMANHÃ.

■ **Catarina Ferreira**
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)



■ **FOTOGRAFIA** SILÊNCIO E RUÍDO ■ *Das Ideias ao Sossego pela arte, Gonçalo Araújo, Escola da APEL (Funchal)*



POESIA

As variações de um apaixonado

*Formosidade é a tua especialidade,
Surfaria igual ao Medina no teu cabelo ondulado.
Estamos ambos na flor da idade,
Então deixemos a diferença de lado
E vamos nos encontrar
Ainda temos de aprender a amar.*

*À luz da lua cheia, o olhar dela brilha,
Pele pálida e mente com ousadia,
Igual a mulher de Petrarca, a mais bela maravilha.
As nossas almas unidas seriam a mais pura melodia.*

*Já conheço os teus defeitos
Mas vamos deixar isso no passado,
Não quero mais um romance fracassado
Até porque todos os teus detalhes são perfeitos.*

*Rumamos pelo caminho da felicidade
Nesse teu olhar cacau
Ainda desconheces a minha personalidade,
Mas poderíamos nos conhecer numa praia em Palau.*

*Curvas que me fazem lembrar de Mônaco,
Deslizaria igual ao Ayrton Senna.
Deixas-me por um fiasco
Mas faria um filme dedicado a essa cena.*

*Lembrei-me de ti enquanto passava em “Veneza”
Pensando no que te dedicaria,
Enquanto esta fantasia escrevia
Presentando-te esta poesia.*

*“Caliente” como Marrocos
Mais seca que o deserto,
Embora delicada como flocos,
Pois de gelo o coração dela está coberto.*

*Dá-me honra a uma última dança,
Hipnotizei-me com os teus risos
Graciosa como a França.
O teu abraço é o melhor de todos os Paraísos.*

■ **Fernando dos Santos**
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas — Carmo (Câmara de Lobos)

ILUSTRAÇÃO

SURREAL

No fim do mundo de tudo

No fim do mundo de tudo
Há grandes montes que têm
Ainda além para além -
Um grande além mago e mudo...

São paisagens escondidas
Que são o que a alma quer.
Ali ser, ali viver
Vale por vidas e vidas...

Todos nós, que aqui cansamos
A alma com a negar,
Nesse momento de sonhar
Ali somos, ali estamos.

Mas, depois, volvidos onde
Há só a vida que há
Vemos que ante nós está
Só o que vela e que esconde.

Só dormindo os horizontes
Se alargam e há a visão
Dos montes que ao fundo estão
E o saber do além dos montes [...]

Mensagem - Poemas esotéricos. Fernando Pessoa



■ **André Costa**
EBS de Santa Cruz

REPORTAGEM



EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade no Parlamento Europeu

■ A turma 10.º B da EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade (São Vicente) viveu, entre os dias 13 e 15 de outubro de 2025, uma experiência marcante após vencer o prémio Europe Calling em maio do mesmo ano. Esta distinção permitiu aos alunos viajar até Bruxelas para conhecer de perto o Parlamento Europeu. A Escola Secundária de Francisco Franco foi a outra escola que também venceu o concurso. Dessa viagem também fizeram parte jornalistas da RTP, do Jornal da Madeira e do Diário de Notícias.

A

chegada à Bélgica ocorreu já ao final da tarde de segunda-feira. No aeroporto, o grupo foi recebido por Gonçalo Aguiar, secretário do eurodeputado Sérgio Gonçalves, e por um representante do Parlamento Europeu. Ambos deram as boas-vindas e explicaram cuidadosamente o que seria necessário levar e preparar para o dia seguinte, bem como o plano geral da visita. À noite, os participantes foram convidados para um jantar, reunindo as duas escolas e os jornalistas num ambiente descontraído e muito divertido. Na terça-feira, a primeira atividade consistiu na entrada no Parlamento Europeu. Ali, um guia explicou o funcionamento dos partidos, a dinâmica das bancadas e a forma como os eurodeputados intervêm no processo político e o eurodeputado até chegou a ter uma breve conversa com os participantes.

De seguida, o grupo visitou o Parlamentarium, onde se explorou a história e o desenvolvimento da União Europeia através de conteúdos interativos. Depois os participantes foram convidados para um almoço.

Durante a tarde, realizou-se um debate sobre *fake news*, que contou com a participação das duas escolas, de vários jornalistas e do próprio eurodeputado Sérgio Gonçalves. Esta atividade permitiu refletir sobre a importância da literacia e do combate à desinformação. No final, os alunos tiveram tempo livre para passear pelas ruas de Bruxelas e conhecer alguns dos seus espaços emblemáticos. Na quarta-feira de manhã, ainda houve oportunidade para uma última visita pela cidade antes do regresso ao hotel e da viagem para o aeroporto. O regresso à Madeira marcou o fim de uma experiência enriquecedora e cheia de novos conhecimentos já que segundo a Mónica Vicente «foi uma viagem muito enriquecedora a nível de conhecimentos. Permitiu-me conhecer outra cultura, outra forma de viver, e impressionou-me muito a grandiosidade do Parlamento Europeu. Acho que toda a gente deveria ter a oportunidade de o visitar pelo menos uma vez na vida.»

■ **Mónica Vicente**
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

ILUSTRAÇÃO ■ **SURREAL**
"Amor, Fati", Mariely Gonzalez, EBS de Machico



POESIA

Entre a Razão e a Emoção

Contexto: Diálogo em formato de poema, entre a razão e a emoção personificadas, onde as duas discutem o amor e os riscos acerca de amar alguém.

– Não te aproximes – aconselhou a Razão.
– O amor é vertigem sem chão,
É como uma promessa escrita na areia,
Que o tempo apagará sem hesitação.

– Eu nasci para o abismo – retorquiu a Emoção.
– Nasci para cair e levantar-me.
Prefiro o risco de sangrar,
À calma que não me deixa arriscar.

– O amor vai destruir-te em silêncio,
Sem aviso ou explicação.
– Pois juntarei os cacos de peito,
E procurarei outro coração.

– O amor é uma chama instável,
Ele consome e depois transforma-se em pó.
É uma maldição.
– Mas é melhor que estar eternamente só.
Não faria isso dele uma bênção?

– O amor é um cálculo feito sem precisão,
Uma equação com variáveis a mais,
E quase impossível de decifrar.
– Estou disposta a tentar.

– O tempo ri-se dos laços de amor,
E desfaz as promessas ao passar.
– Ainda assim quero deixar-me sentir,
Mesmo que me doa o lembrar.

A Razão contou possibilidades,
Traçando limites no chão.
Já a Emoção, abriu as janelas
E deixou entrar o Verão.

No fim, as duas caminharam lado a lado.
Contradição em união.
Enquanto uma carregava a cautela,
Outra guiava o próprio coração.

■ **Lara Melim**
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

■ CONTO

A SAUDADE DO
DESCONHECIDO

Eu estava a deambular pelos corredores escuros do castelo da minha tia, passos apressados ressoando à minha volta, enquanto observava a pequena chave que segurava na minha mão.

A lua era visível através das janelas estreitas esculpidas nas paredes. A sua luz espalhava-se pelos vidros, lançando reflexos complexos dos seus raios pelos corredores, tecendo padrões interessantes por todo o seu comprimento. Durante uns momentos não consegui desviar o olhar. Estendi a mão e tracei delicadamente os padrões com os dedos, imaginando que estava a sentir o suave beijo da morte sobre eles. Se a morte fosse algo semelhante à sensação de paz que eu experienciei naquele momento, eu abraçá-la-ia de braços abertos e firmes, rezando para ser levada para um lugar melhor e mais feliz.

Baixei os braços e continuei a caminhar pelo corredor mal iluminado. Após o que me pareceram longos minutos, parei à frente de uma porta que nunca antes tinha visto, com umas gravuras bizarras. A porta estava envelhecida e desgastada pelo tempo, tal como uma promessa há muito esquecida. Os meus olhos desceram até à chave na minha mão. Eu tinha-a encontrado no jardim do castelo e, por alguma razão, senti que algo nela me chamava e decidira guardá-la. Após parar para pensar no assunto, reparei que a chave também aparentava ser antiga e que as gravuras nela esculpidas se assemelhavam às da porta tão peculiar.

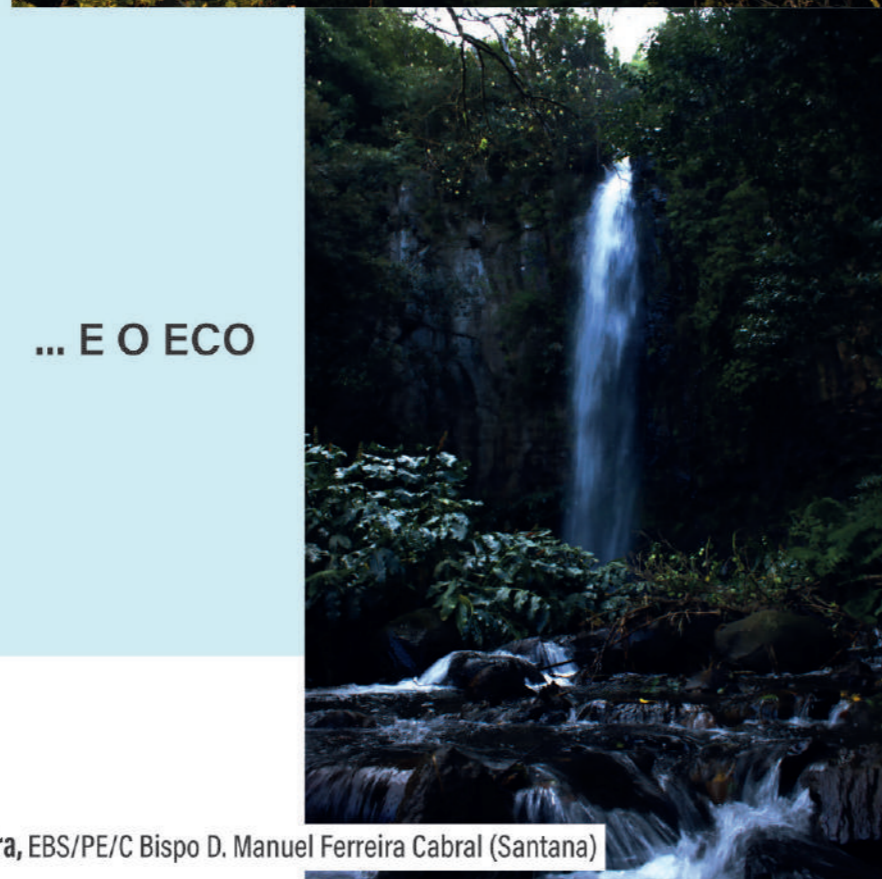
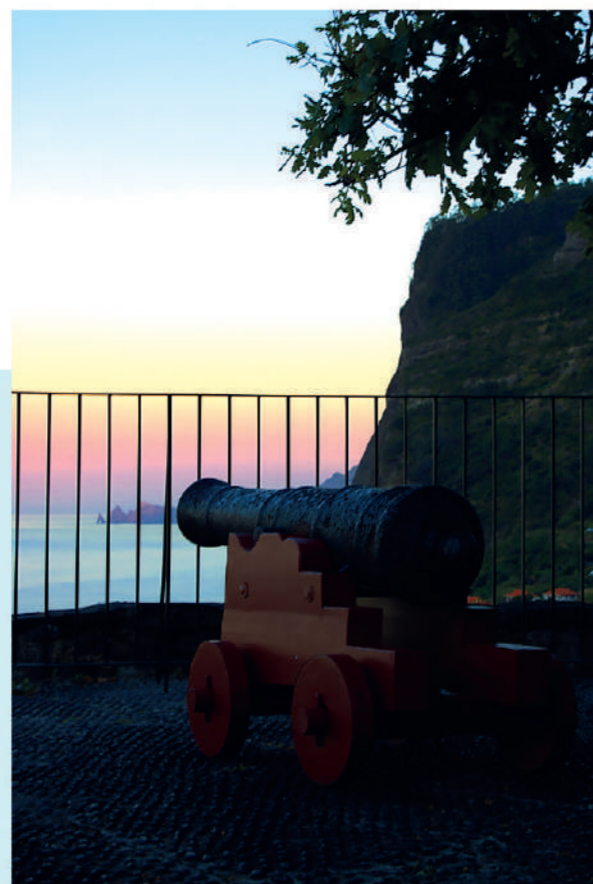
Um sentimento perigoso começou a florir no meu peito: Esperança. Por mais que tentasse, não consegui impedir a emoção de se espalhar pelo meu corpo, até esta atingir os recantos mais ínfimos e escondidos do meu ser, tomando conta de todos os meus pensamentos até que apenas restasse um: abrir a porta. Como se por vontade própria, as minhas mãos moveram-se para colocar a chave na fechadura e giraram-na suavemente.

■ A visão que me acolheu foi avassaladora.

O cenário noturno era arrebatador. No início, era simplesmente uma parede preta e fosca que cobria tudo ao meu redor, mas, quando finalmente vi as estrelas, foi quando me apercebi de que a magia, de facto, realmente existia. Aqueles minúsculos pontos distantes e cintilantes pintavam a tela escura que parecia devorar-me inteira quando o sol se punha, e transformavam-na em algo maravilhoso. Todos discutem sobre o que a arte realmente é. Mas para mim não havia arte melhor do que o próprio universo. Foi pintado pelos deuses para transmitir fé a todos nós. Para nos lembrar de que, mesmo quando as coisas parecem sombrias e assustadoras, há sempre uma luz para nos guiar: a esperança. Naturalmente, algo feito pelas divindades que nos observam é, e tinha de ser, magnífico. No entanto, o que me chamou a atenção foi a figura no centro do jardim à minha frente.

Elegante e imponente, um homem vestido de preto virou-se na minha direção. Os seus traços eram-me familiares, e o sorriso que carregava consigo lembrava-me de noites quentes de verão e aventuras mágicas. — Olá, Celina! — disse com uma voz aveludada e acolhedora. — Finalmente estás aqui.

■ **Leonor Jesus**
ES da Francisco Franco (Funchal)



... E O ECO

■ Daniel Caldeira, EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

■ FOTOGRAFIA

SILÊNCIO
E RUÍDO

ENTRE

O SUSSURRO...

A beleza
de quem resiste
a tantas colheitas

Disseram-me que as coisas más acontecem para nos tornar mais fortes. Mas pergunto-me se será bem assim.

Sempre que algo corre mal, ouvimos:

«É só mais uma vez.»

«Tu consegues.»

«Já passaste por tanto, esta é só mais uma.»

Mas isso não deveria desanimar em vez de confortar?

Porquê mais uma?

Para me tornar mais forte?

Quando é que serei forte o suficiente?

Não sei!

Mas prefiro acreditar que seja por isso.

Porque, se não for, será para quê?

Para pagar o karma de uma vida passada?

Quando colhemos uma flor, escolhemos sempre a mais bonita.

Talvez eu seja a flor mais bonita de muitos jardins, e por isso me colhem tantas vezes.

Gosto de pensar nisso de forma positiva.

Ser a flor mais bonita não deveria ser algo mau,

só se torna se nos colhem demasiadas vezes

e nos deixam murchar.

Quando algo mau acontece, nem sempre penso assim.

Mas nunca saio de uma dor da mesma forma que entrei.

E talvez só por isso já valha a pena.

Se não for para nos tornar mais fortes,

que seja para nos mudar.

Porque a flor mais bonita,

depois de ser colhida tantas vezes,

nunca volta a nascer da mesma forma.

■ **Carolina Cristo**
EBS/PE/C do Porto Moniz



■ REPORTAGEM

QUANDO "UM DIA"
SE TORNA UM OBSTÁCULO À FELICIDADE

A procrastinação existencial que consiste no hábito de adiar sonhos para um momento hipotético de maior estabilidade está a tornar-se uma marca geracional. Especialistas alertam que a espera pelo "momento certo" acaba por se traduzir em vidas em modo de espera, onde as oportunidades de lazer e afeto são sacrificadas em prol de um amanhã incerto.

Numa visita ao centro de dia do Campanário, encontrei testemunhos que validam esta preocupação. Entre o grupo de utentes, o sentimento de nostalgia é comum. «Se eu soubesse como o tempo passa depressa, tinha tido menos medo de viver», confessa um dos idosos, de 78 anos, que prefere não ser identificado.

Este não é um caso isolado. Outro idoso reforça o peso das oportunidades perdidas: «Quem me dera ter aproveitado mais a minha vida quando era mais jovem. Ter viajado mais e visto o mundo». Curiosamente, nestes diálogos, os arrependimentos raramente recaem sobre erros cometidos, mas sim sobre as omissões: as viagens não feitas, as confissões de amor adiadas e os abraços que ficaram por dar. Segundo os psicólogos, a frase «quando isto acontecer, então serei feliz» cria uma armadilha mental. Ao condicionar a felicidade a eventos futuros, o indivíduo deixa de viver o presente, o que pode resultar num sentimento de vazio ao atingir a terceira idade. A conclusão parece clara: a vida não é um evento que começa "um dia", é

um processo que ocorre agora, nas pequenas decisões de rir mais, dizer "sim" e criar memórias enquanto a energia e a liberdade o permitem. Especialistas são unânimes em afirmar que a solução para quebrar o ciclo do "um dia" não passa por grandes mudanças radicais, mas por uma reeducação da prioridade diária. Viver não é fazer coisas gigantes todos os dias, é a soma de pequenos 'sims' que damos a nós próprios em vez de cedermos apenas ao "dever."

A reportagem termina onde começou, no olhar de quem já viu o tempo passar. A lição deixada pelos idosos do centro de dia é clara. Antes que o tempo escape, a escolha de viver deve ser feita hoje. É muito importante a meu ver prestar muita atenção àquilo que os nossos pais, avós e outros mais velhos que nos rodeiam, afirmam em relação às suas experiências de vida. Eu espero aprender a viver e, no final, ao olhar para trás, poder dizer com orgulho:

"EU VIVI".

■ **Ana Cristina Abreu**
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



REPORTAGEM

O SNIPER QUE TOCAVA PIANO E SABIA FÍSICA

Jean-Pierre Besson nasceu a 28 de abril, no cantão de Vaud, na Suíça francofona. O pai, Marcel Besson, era professor e autor de *La Clé des Mots - A Origem das Palavras. Talvez por isso, o rapaz tenha aprendido que tudo — até a ciência — começa pelas palavras e pela curiosidade. Fez a escolaridade obrigatória e o conservatório. A mãe fora a primeira professora; o piano, o primeiro mestre de rigor. Depois, veio a École Normale, onde se preparou para ensinar. O desejo de compreender o mundo levou-o mais longe — à Matemática, à Física, ao invisível das partículas.*

Na Escola Politécnica de Lausanne, o curso de Matemática Especial foi uma prova de resistência. Trabalhava para pagar os estudos e cuidava da mãe. «Foram anos de luta silenciosa», recorda, «mas aprendi que desistir não faz parte da solução.»

No serviço militar, foi escolhido para uma das formações mais exigentes do exército suíço: *sniper*. Não era a violência que o fascinava, mas a calma — o silêncio antes do disparo, a respiração contida, o cálculo exato. «Ser *sniper* é, de certa forma, como tocar piano. Tudo depende da harmonia entre o corpo e a mente.» Estudou Física Nuclear e trabalhou como assistente no CERN, o grande laboratório europeu onde se estudam as partículas que compõem o universo.

E assim, quase por acaso, entrou na Nestlé. Queria ver o mundo e descobriu nele o seu novo laboratório: fábricas, pessoas, culturas, línguas. Começou como técnico, passou a diretor de uma pequena fábrica de chocolate na Bélgica, e daí partiu para o Brasil e outros países. Atravessou fronteiras e aprendeu que o essencial não se mede em fórmulas. «Viajar ensinou-me que a ciência pode unir pessoas. A qualidade, no fundo, é uma forma de respeito.» Já reformado, dedicou-se à investigação farmacêutica. Tornou-se sócio de uma empresa que criou o primeiro

teste rápido COVID, na Suíça — o mesmo grupo que antes desenvolvera um teste inovador para doentes celíacos. Continuava, afinal, a procurar respostas — agora no corpo humano, e não apenas no átomo.

Hoje, aos 85 anos, fala do passado com serenidade. O piano ainda o acompanha, e às vezes, os dedos procuram as teclas como quem revisita um velho amigo.

«Aprendi que a vida não é feita de certezas, mas de curiosidade e que o conhecimento, tal como a música, só vale a pena se for partilhado», diz.

■ O sniper, que tocava piano e sabia Física, continua, de certa forma, a fazer pontaria — agora não a alvos distantes, mas à harmonia das pequenas coisas.

■ Ana Clara Silva
EBS da Ponta do Sol

SE ÉS ALUNO DO SECUNDÁRIO, PARTICIPA NA TUA ESCOLA



INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

O Colar da Imperatriz

Sou feito de diamantes e pérolas, mas carrego mais do que brilho: carrego memórias, segredos e silêncios que nunca foram ditos em voz alta. Vi a Imperatriz Isabel de Baviera pela primeira vez em 1854, no dia do seu casamento com o imperador Francisco José I. Repousava sobre o seu pescoço jovem e nervoso, enquanto a corte de Viena observava como se fosse uma promessa de estabilidade para o império. Ela sorria, mas eu sentia a tensão nos seus ombros e o peso das expectativas que já recaíam sobre ela. Ainda não sabia que aquele palácio seria, para si, uma espécie de prisão dourada, onde a liberdade tinha limites invisíveis.

Acompanhei-a em bailes, receções e retratos oficiais, sempre brilhante à luz dos salões imperiais. Ouvi elogios à sua beleza extraordinária, mas também críticas à sua personalidade independente e à sua recusa em seguir rigidamente as regras da corte. Vi também as lágrimas que caíam em silêncio quando lhe tiraram os filhos para serem educados pela arquiduquesa Sofia. Nessas noites, ficava esquecido numa caixa de veludo, enquanto a imperatriz escrevia poesia, tentando aliviar a solidão e dar sentido à sua vida. Anos depois, viajei com ela até à Hungria, um lugar onde tudo parecia diferente. Foi lá que a senti verdadeiramente transformada: mais leve, mais livre, mais próxima de quem realmente era. Ouvi palavras em húngaro, risos espontâneos e genuínos, e vi um brilho que não vinha de mim, mas dela própria. Em 1867, estive presente na sua coroação como rainha da Hungria. O povo aplaudia com entusiasmo e eu refletia não só a luz, mas também a esperança de um império que procurava manter-se unido através de compromissos e mudanças.

Mas nem todo o brilho consegue resistir à dor. Em 1889, não fui usado. Permaneci fechado quando o seu filho, Rodolfo, morreu em Mayerling. A partir desse momento, algo se quebrou para sempre. Sissi vestiu-se de negro e afastou-se cada vez mais do mundo e das pessoas. Eu tornei-me apenas uma recordação distante dos tempos em que ela ainda sorria. Em 1898, trancaram-me em Viena quando ela viajou para Genebra, numa tentativa de escapar à sua própria vida. Foi lá que aconteceu o impensável: o assassinato da imperatriz por um

anarquista. Enregelei na minha tristeza: nunca mais afagaria a sua pele macia, nunca mais sentiria o bater do seu coração! De vez em quando, ouço falar da minha Sissi. Dizem que, lá longe, no meio do oceano, existe uma ilha — a Ilha da Madeira — onde foi uma princesa feliz e onde nunca a esqueceram. Quem passa por uma das suas avenidas ainda a pode imaginar, linda e majestosa, na sua escultura, como quando ali passeava com o seu vestido de cetim cor de céu.

■ Hoje, repouso num cofre silencioso. Sou apenas um colar, mas fui testemunha de um casamento político, de um império em transformação e de uma mulher que vivia muito à frente do seu tempo e que, dessa forma, nunca deixou de procurar a sua liberdade e o seu próprio caminho até ao último suspiro.



Kaiser Franz Joseph I. und Kaiserin Elisabeth

■ Aleana Fernandes
ES de Jaime Moniz (Funchal)

Webgrafia

https://pt.wikipedia.org/wiki/Casamento_de_Francisco_Jos%C3%A9_I_da_%C3%81ustria_e_Isabel_da_Baviera
https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_da_Baviera,_Imperatriz_da_%C3%81ustria
<https://i.pinimg.com/originals/c6/86/be/c686bef903cac05bb0efce83e8952b9.jpg>

MUDAR MUNDO

PROGRESSO SUSTENTÁVEL

O progresso científico, tecnológico e industrial é conciliável com a preservação do ambiente, através da escolha de materiais mais "amigos do ambiente".

No campo científico e tecnológico, podem ser usados materiais que contêm menos plásticos e incluem mais papel, ou, então, podem ser criados plásticos mais duradouros e recicláveis que sejam menos prejudiciais e mais fáceis de reutilizar. A nível industrial, é fundamental, além de diminuir o uso de plásticos, reduzir em grande escala a exploração de recursos naturais, substituindo-os por outros materiais mais sustentáveis e promovendo uma produção mais efetiva de materiais mais duradouros e ecológicos.

Reduzir a pegada ecológica no progresso científico, tecnológico e industrial ajudaria também a preservar o ambiente e tornaria as empresas mais eficientes, por exemplo, a partir do uso de gás natural em vez de petróleo, que é muito menos poluente. Diminuindo as emissões de CO₂, as empresas passam a pagar menos multas por poluição e aumentam a sua margem de lucro, o que permite um aumento no investimento. Com a utilização de combustíveis mais sustentáveis e menos poluentes, as empresas podem começar a ser mais autossuficientes, o que, a longo prazo, além de aumentar a margem de lucro, por tomarem iniciativas que ajudam o ambiente, permitiria destacarem-se a nível mundial e ganhar a atenção de novos mercados de compradores, como, por exemplo, aqueles que apenas compram marcas "amigas do ambiente", o que abre novas oportunidades diversificando o seu leque de compradores.

Indicador de sustentabilidade que mede a quantidade de recursos naturais necessários para sustentar o estilo de vida de uma pessoa, cidade ou país

Dióxido de Carbono

António Figueira
ES de Francisco Franco (Funchal)

PONTO DE VISTA



80 ANOS

do edifício do Liceu

A ES de Jaime Moniz é muito mais do que uma instituição de ensino. O seu edifício sede, inaugurado em 1946, é um dos marcos arquitetónicos e sociais mais importantes da cidade do Funchal. Ao celebrarmos os 80 anos desta estrutura, mergulhamos numa história de modernização e identidade cultural.

Embora a instituição "Liceu do Funchal" tenha sido criada em 1836 e instalada, inicialmente, no antigo Colégio dos Jesuítas, a necessidade de um espaço próprio e moderno surgiu no início do século XX. O edifício, projetado pelo arquiteto Edmundo Tavares, caracteriza-se pela monumentalidade, pelo uso de elementos tradicionais portugueses (como a cantaria regional) e por uma organização simétrica e funcional. Foi inaugurado oficialmente a 28 de maio de 1946, durante o governo de Duarte Pacheco, que impulsionou uma vasta rede de infraestruturas em Portugal, algumas delas ligadas à educação. Nessa altura, o Liceu mudou-se para as atuais instalações, deixando o espaço exíguo do centro da cidade.

O nome da escola homenageia o pedagogo e político madeirense Jaime Moniz (1837-1917), que foi o grande reformador do ensino secundário em Portugal, em 1894/95. Nos anos 70, no Pós-25 de Abril, a escola viveu um período de grande efervescência política e social, adaptando-se à democratização do ensino e passou a denominar-se Escola Secundária de Jaime Moniz. Contudo, este edifício não se resume a salas de aula. Possui um valioso património que inclui o Núcleo Museológico, com coleções que remontam ao século XIX, e um espólio artístico constituído por pinturas e mobiliário de época.

Maria Matilde Gonçalves
ES de Jaime Moniz (Funchal)





A VIAGEM QUE NINGUÉM ESQUECE

Há momentos que definem a nossa juventude e, para os cerca de 60 alunos da EBS/PE da Calheta a viagem de finalistas a Punta Umbría foi o auge absoluto.

Ao integrarem a mítica "La Punta WTF", os nossos jovens mergulharam

numa euforia contagiante com 12 mil estudantes de todo o país, provando que nenhum outro destino teria a mesma alma ou magnitude. O que se viveu em solo espanhol foi uma experiência de pura intensidade e descoberta. Entre a adrenalina das festas e as conversas que se estendiam pela noite fora, cada segundo foi um brinde à amizade. A vila transformou-se num cenário de celebração ininterrupta, onde os laços criados na sala de aula foram selados para sempre. A escolha de Punta Umbría foi, sem dúvida, a decisão mais acertada para quem procurava uma despedida à altura dos sonhos de cada um. O sentimento de quem regressou é de que a experiência roçou o divino. Como confessou, com um brilho no olhar, um dos participantes: «Perfeito é só Deus, mas La Punta esteve lá perto». Esta frase resume o espírito do grupo: a sensação de ter vivido dias irrepitíveis, onde a felicidade não conheceu limites.

Mais do que o fim de uma etapa, esta viagem foi uma consagração de afetos. Os finalistas da Calheta trouxeram na bagagem a certeza de que Punta Umbría não foi apenas uma viagem, foi o capítulo mais feliz e marcante das suas vidas. ■

Afonso Serrão
EBS/PE da Calheta

PONTO DE VISTA

O burnout da produtividade

Finalmente, sento-me no sofá, eram mais ou menos oito da noite de uma sexta-feira, com todos os tpc's feitos e matérias estudadas, julgava que em paz. Infelizmente essa paz durou pouco, muito pouco. Olhei para a mesa e vi o livro que tinha de terminar esta semana para cumprir a meta de livros lidos num mês, logo depois, ouço o telemóvel vibrar com uma notificação do Duolingo a lembrar a minha ofensiva de alemão. E ainda, algures na minha consciência, uma voz irritante dizia que, se não fosse correr agora, o meu progresso ia por "água abaixo". Dei por mim a suspirar, exausta, não pelo trabalho que tinha feito nesse dia, mas pelas supostas obrigações que o meu tempo livre agora exige. Pelos vistos, descansar tornou-se a tarefa mais trabalhosa da minha agenda.

O problema é que transformámos o lazer em obrigação. Em outros tempos, lia-se um livro pelo prazer de ler, hoje, lemos simplesmente para sermos produtivos. Muitas vezes corremos, não para aliviar o stress, mas para garantir que o Smartwatch nos dá um "parabéns". Vivemos sob a ditadura da produtividade constante, onde qualquer passatempo tem de ser medido e, obviamente, partilhado.

Se eu aprender alemão, ler dez clássicos e correr uma maratona, mas não houver um registo digital disso, será que vivi mesmo o meu tempo livre ou, só por isso, não é válido? Esta obsessão por viver a vida, é acompanhada da necessidade de aprovação. Já não basta que o descanso seja produtivo, ele tem de ser "instagramável". O café de sábado à tarde não é apenas um momento de pausa e reflexão, é um potencial "story" com uma legenda inspiradora acabada de ser retirada do chat gpt, ou das "top 10" legendas inspiradoras para o seu "story". Talvez a maior virtude dos nossos dias não seja ter tempo, mas sim ter a coragem de o deixar passar sem fazer absolutamente nada.

Talvez o verdadeiro dilema não seja perdermos a meta, mas o silêncio que nos obriga a enfrentar quem somos sem uma lista de tarefas. ■

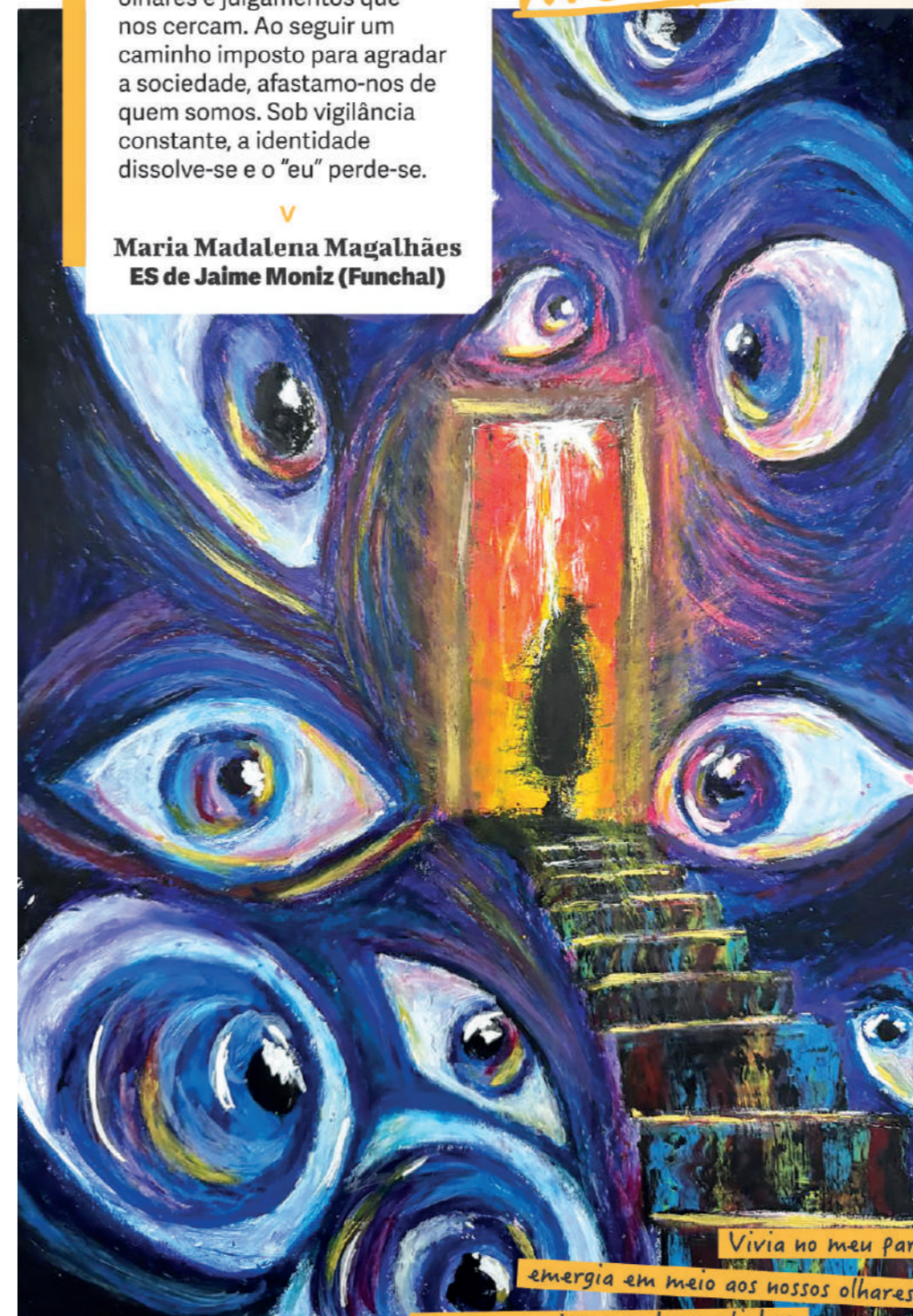
Joice Silva
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva
Dantas — Carmo
(Câmara de Lobos)



Onde os olhares me apagam

A obra representa o peso dos olhares e julgamentos que nos cercam. Ao seguir um caminho imposto para agradar a sociedade, afastamo-nos de quem somos. Sob vigilância constante, a identidade dissolve-se e o "eu" perde-se.

Maria Madalena Magalhães
ES de Jaime Moniz (Funchal)



Vivia no meu paraíso,

emergia em meio aos nossos olhares,

Tu, que na visão o poder continhas,

de me fazer criar todo o tipo de cenários.

Parecia tudo tão belo,

até se ir um pouco da tua pessoa.

Mas também que mal haveria

se, por outras bandas, a tua voz ainda ecoa?

Apesar de haver alguns fragmentos

da nossa incompreensível situação,

mais uma parte do teu Ser se fora,

deixando apenas um resquício, em vão.

Logo descubro que o pouco que sobrava

tinha partido, sem piedade de mim.

Não chorei, nem por regressos implorava,

pois sabia que teria de ser assim.

Ana Mendes
EBS da Ponta do Sol
"Afastamento"

PONTO DE VISTA

A pressão de ser "interessante"

Hoje em dia, ser "normal" parece quase aborrecido, e não me interpretem mal, até porque eu sou só mais uma pessoa no meio de tantas outras. Mas a verdade é que, com toda a informação à qual temos acesso e com tudo o que está constantemente a surgir, existe quase que uma pressão invisível para sermos algo mais, não sermos apenas meros mortais. Costumamos dizer que quem não pensa e quem não procura por mais, acaba por ficar para trás. Talvez seja daí que nasce a ideia de que quem não se destaca, está apenas a ocupar o espaço de alguém que podia fazer melhor. Não basta, apenas, existir e viver a sua simples vida, é quase preciso ser "especial".

Todos queremos construir a melhor imagem possível, e não falo da aparência, mas de quem somos.

Queremos ser aquela pessoa que se destaca no meio da multidão, aquela que desperta reações como "isso é tão diferente" ou "nunca vi nada assim" e até "adorava ser como tu". Ter um passatempo diferente, um talento único, algo que nos distinga dos outros e nos faça sentir que não somos apenas mais um.

E especialmente esta última, "tu inspiras-me", marcar uma pessoa de tal forma, quase como se tivéssemos subido na vida. Eu adorava ser essa pessoa. Aquela que inspira, aquela a quem outros "invejam" (num bom sentido), aquela que se destaca e serve de exemplo. Sobretudo em nós, jovens, não só porque estamos numa fase em que as opiniões e os olhares dos outros importam, numa fase em que nos estamos a descobrir, mas também porque estamos agora a começar as nossas vidas. Esta vida que queremos que seja a melhor possível, não apenas uma na qual estamos só a sobreviver. Queremos ser alguém que valha a pena e que faça a diferença. Talvez não tenhamos de ser extraordinários o tempo todo, talvez não tenhamos de impressionar ninguém constantemente para que a nossa vida "conte" e talvez o problema não esteja em sermos interessantes o suficiente. Porque, no meio desta carga de ser tudo, crescer não é sobre tornarmo-nos sempre mais interessantes aos olhos dos outros, talvez seja, simplesmente, aprender a sermos nós... A verdade é que já estamos a existir de uma forma que, por si só, já tem impacto, mesmo quando não o sentimos.

Provavelmente o maior paradoxo seja este: quanto mais tentamos ser interessantes, quase que esquecemos de viver as coisas mais simples, que acabam por se constituir mais belas, e mais interessantes. Afinal, esta reflexão está cheia de "talvez", cheia de dúvidas, porque estas ideias não são tão simples quanto parecem, e no fundo, talvez não exista mesmo uma solução... ■

Beatriz Abreu
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

SOS EXAMES

Com a aproximação do mês de junho, entramos numa das fases mais exigentes do ensino secundário. Este é, para todos nós, o mês dos exames nacionais, um período que traz não só expectativas, mas também pressão e alguma ansiedade. Ao mesmo tempo que continuamos a ter testes, trabalhos e outras avaliações em todas as disciplinas, surge a necessidade de conciliar tudo isso com a preparação para exames que vão ter um peso importante no nosso percurso, nomeadamente no curso e universidade que iremos frequentar. Muitas vezes sentimos que há demasiada matéria acumulada e pouco tempo para dar resposta a tudo.

Entre estudar para os testes das várias disciplinas e tentar rever conteúdos para os exames, é comum surgir aquela sensação de não saber bem para onde nos virar, o que nos deixa, por vezes, assoberbados. O mês de junho ganha assim um peso diferente, deixa de ser apenas o fim do ano letivo e passa a ser um momento decisivo. É uma fase intensa, em que tudo parece acontecer ao mesmo tempo.

No entanto, não nos devemos deixar dominar pela ansiedade e por sentimentos negativos. Temos de acreditar nas nossas capacidades e lutar pelos nossos objetivos, com trabalho, dedicação e perseverança, tendo sempre presente que, se os resultados não forem os desejados, podemos sempre tentar novamente para o ano. A vida também é feita de desilusões e recomeços.

Força, não desanimes.
Acredita em ti!

Carlota Góis
EBS/PE/CD.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

PONTO DE VISTA

EM QUE ACREDITAS?

A verdade é um dos objetivos de qualquer vida, servindo como uma luz ao fim do túnel ou a concordância entre o pensamento e a realidade. Isto tem sido ameaçado pelas novas tecnologias que alteram fontes, de forma a atrair simpatia.

A elevação deste ideal a uma máxima, é preocupante e perigoso, pois, tal como qualquer outra obsessão, a separação entre a loucura e o sucesso é extremamente tênue, tanto que até se pode dizer que toda a loucura é uma verdade ao máximo. As certezas obtidas a partir destas verdades podem formar falsos dogmas, que quebram a curiosidade e reflexão, ao desacreditarem fontes de informação fiáveis e o espírito crítico do próprio. Isto é claramente visível em grupos extremistas que, a partir da sua realidade, pilham a liberdade das pessoas, de forma discriminatória. Quando confrontados com a realidade dos seus atos e a falsidade destas certezas apressadas, a sua vitrine de cristal é quebrada.

Mesmo com estas complicações, as nossas verdades e as suas generalizações guiam-nos. Seja por fadiga ou por preguiça, mantemo-nos continuamente nessa caminhada, pois é isto que nos dá segurança, para continuar como pessoas.

Ao comparar pontos de vista, desbravamos novos caminhos e retiramos certezas, numa exploração incessante que aperfeiçoa a inteligência e a moralidade de cada um, pois é possível obter evidências que suportam as nossas conclusões, como opiniões contrárias que podem substituir as nossas certezas.

O valor volátil da verdade não deve ser ignorado, pois é possível haver várias concordâncias entre o pensamento e a realidade.

Exemplificando, a necessidade de estudar é clara, mas a quantidade não o é, dependendo de vários fatores como a curiosidade, o interesse ou a capacidade de raciocinar, isto causa necessidades diferentes, como só prestar atenção ou passar noites sem fim a estudar.

Concluindo, a verdade é um perigo necessário que oferece bases para a personalidade e diálogo, mas nunca deve ser entendida como dogma ou máxima. ■

José Pedro Gaspar
Escola da APEL (Funchal)

março

PRÉMIO MAIS CRIATIVIDADE

Luana Nunes, da EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva, foi a vencedora do prémio '+Criatividade' de março. No seu artigo 'As Palavras', destacou-se pela forma consciente como reflete sobre o poder das palavras e o seu impacto nas relações humanas e na construção de cada indivíduo. Num tempo em que as palavras são usadas com tanta rapidez, o seu texto relembra-nos que cada palavra pode aproximar ou afastar, construir ou ferir. Saber escolhê-las é, por isso, um verdadeiro exercício de responsabilidade e empatia e foi precisamente essa maturidade que marcou o trabalho vencedor. A seleção do trabalho ficou a cargo do Gabinete da Secretária Regional de Educação. Esta distinção, garantiu à Luana um voucher de 40 euros, com o apoio do Plaza Madeira. No próximo mês, revelamos o vencedor/a do prémio '+Criatividade' de abril e todos os vencedores do concurso 'Grande Ideia' desta série!
FICA ATENTO! ■



PLAZA
MADEIRA